

O 1º turno das eleições presidenciais ficou para trás. Apesar do resultado ser o esperado com Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) no 2º turno, as urnas trouxeram várias surpresas que alteraram as expectativas com relação às chances de vitória de cada um no round final das eleições. Além disso, os resultados tanto para a Câmara quanto para o Senado trouxeram surpresas que poderão influenciar a avaliação dos mercados sobre a governabilidade de ambos os candidatos no dia seguinte da eleição. Portanto, vamos usar o Opinião para discutir o resultado que emergiu das urnas no domingo, como a pesquisa Datafolha refletiu esse resultado e, por fim, como a nova composição do Congresso pode alterar a governabilidade de cada um dos candidatos.

Apesar da nossa previsão ter se confirmado, ou seja, um 2º turno entre Bolsonaro e Haddad, o resultado final acabou sendo, de certa forma, surpreendente. As pesquisas eleitorais tanto do IBOPE, quanto do Datafolha, divulgadas no sábado (06/10), véspera da eleição, indicavam que o candidato do PSL deveria ter algo entre 40% e 41% dos votos válidos, enquanto o do PT, ao redor dos 25%. No final, Bolsonaro chegou a 46,06% e Haddad a 29,23%, ambos um pouco acima do projetado, mesmo considerando a margem de erro dos institutos. Mais do que uma questão de problemas com as pesquisas, esse resultado parece ter sido uma antecipação da polarização do 2º turno, principalmente no caso de Bolsonaro, com a migração de votos do centro para tentar “resolver o problema” já no 1º turno. Podemos ver isso pelo desempenho dos demais candidatos que poderiam ser considerados reformistas, especialmente Geraldo Alckmin. Tanto o IBOPE quanto o Datafolha indicavam que o tucano deveria ter 8% dos votos válidos, mas, no fim, a sua votação acabou sendo de 4,76%, abaixo do previsto, mesmo considerando a margem de erro. Do lado da esquerda, o movimento não foi tão explícito. Ciro Gomes, por exemplo tinha entre 13% e 15% dos votos válidos segundo as pesquisas e acabou com 12,47%. Ou seja, essa antecipação da polarização entre Bolsonaro e Haddad parece ter sido mais intensa do lado do ex-capitão do que do ex-prefeito, o que

pode levar a conclusões do tipo “copo meio cheio ou meio vazio” para ambas as candidaturas.

Pelo lado “copo meio cheio” para Bolsonaro, a diferença para Haddad acabou sendo maior do que a projetada antes da eleição, mesmo que ambos tenham crescido. Se as pesquisas indicavam algo próximo de 15 p.p., as urnas mostraram uma diferença de quase 17 p.p.. Pode até não parecer muito, mas isso significa quase 2 milhões de votos, ou o mesmo que todos os eleitores de Marina Silva e Alvaro Dias. Além disso, o desempenho de Bolsonaro no primeiro turno pode credenciá-lo a ganhar a eleições sem precisar acrescentar nenhum voto, ou muito menos do que pareceria a princípio. Para isso, basta que os “não votos”¹ cresçam dos 27,32% do 1º turno para algo próximo de 34,40%. Muito difícil? Com uma eleição tão polarizada, talvez não. Já usamos a eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro no Opinião 559 como exemplo de como uma fragmentação do centro poderia levar a um 2º turno entre um candidato de direita e um de esquerda. No caso, os cariocas tiveram que escolher entre Marcelo Crivella e Marcelo Freixo e os “não votos” cresceram 3,42 p.p.. Se isso se repetir nessa eleição, ele precisaria de mais 1,7 milhão de votos dos que obteve no 1º turno... um Cabo Daciolo e meia Marina já resolveriam o problema. A conclusão a que chegamos é que o maior adversário de Bolsonaro será o próprio Bolsonaro, uma vez que os quase 50 milhões de votos que ele teve no 1º turno, dificilmente migrariam para Haddad indo, na melhor das hipóteses para um “não voto”, o que já beneficiaria o candidato do PSL.

Do lado de Fernando Haddad, os números não são muito favoráveis. Considerando os 20 dias entre os 1º e 2º turnos, e os “não votos” estáveis, ele teria que conseguir 1 milhão de votos por dia para ganhar a eleição. Pescando os eleitores dos demais candidatos seria o

¹ Brancos, nulos e abstenções;

mesmo que todos os eleitores de Ciro Gomes, Geraldo Alckmin, João Amoedo e Marina Silva. Para não dizer que tudo é ruim para Haddad no resultado do 1º turno, podemos considerar que um pedaço relevante da migração de votos para Bolsonaro, que deveria ocorrer no 2º turno, já se materializou na primeira rodada, tendo ele, portanto, menos espaço para crescer do que o candidato do PT. A questão é se esse crescimento será suficiente para ganhar a eleição.

Segundo o Datafolha divulgado ontem (10/10) a resposta, por enquanto, é não. A primeira pesquisa após o 1º turno mostrou que Bolsonaro lidera com 58% dos votos válidos, contra 42% de Haddad, evidenciando que, com relação à votação de domingo, o candidato do PT cresceu ao redor de 13 p.p., enquanto Bolsonaro 12 p.p.. Ou seja, nem a visão do PT de um “copo meio cheio” para o resultado do 1º turno está se verificando, uma vez que a transferência de voto está se dando de maneira relativamente igual entre os dois candidatos e sem grandes surpresas. Segundo o Datafolha, 42% dos eleitores de Geraldo Alckmin declaram que vão votar em Bolsonaro, contra 30% que irão de Haddad; 49% dos eleitores de Amoedo iriam para o ex-capitão, enquanto 18% votariam no ex-prefeito. A situação se inverte com Ciro Gomes e Marina Silva, com 58% dos que escolheram Ciro no 1º turno indo para Haddad e 19% para Bolsonaro e, no caso de Marina, a proporção ficaria em 37% a 18%, respectivamente. Interessante notar que 45% dos eleitores da candidata da REDE não optaram por nenhum dos candidatos. Por outro lado, a questão de que a redução dos votos válidos, por conta da rejeição aos dois candidatos, poderia ajudar Bolsonaro, fica reforçada. Considerando os dados do Datafolha e fazendo uma projeção para os “não votos”, poderíamos dizer que, mantendo a votação do 1º turno, o candidato do PSL já teria 49,21% dos votos válidos. Portanto, ele precisaria de um pouco mais que “meio” Cabo Daciolo para se eleger.

Se a eleição para o Congresso se desse como esperávamos, ou seja, com uma baixa renovação, nem precisaríamos tocar nesse assunto, mas a troca foi muito maior do que a esperada e a composição de forças mudou completamente. Isso terá impacto sobre a questão da governabilidade do futuro presidente.

A nossa expectativa sobre a baixa renovação do Congresso se baseava na premissa de que a reforma política definida no ano passado foi feita exatamente com esse propósito. Com a Operação Lava Jato batendo a porta, os políticos colocaram várias barreiras à entrada de novos atores nessa eleição, como o fim do financiamento privado e a redução do período da campanha eleitoral. Entretanto, tanto a classe política tradicional, quanto nós, fomos surpreendidos por um voto de protesto contra o *status quo*. O resultado foi que dos 382 deputados federais que tentaram a reeleição, apenas 240 conseguiram (62,8%), enquanto no Senado a “limpeza” foi ainda maior, dos 32 senadores que tentaram se reeleger, apenas 8 conseguiram (25%).

Assim como a renovação, a composição do Congresso também mudou bastante. O primeiro ponto a ser levantado é que ele ficou mais disperso. Antes da eleição, haviam 25 partidos representados na Câmara e 18 no Senado, agora serão 30 e 21, respectivamente. Isso é muito ruim para a governabilidade, independente do vencedor da eleição, uma vez que teremos mais partidos para negociar individualmente para se aprovar as matérias de interesse do Governo. Outra forma de ver isso é que os 5 maiores partidos na legislatura anterior (PT, MDB, PP, PSDB e DEM) tinham 254 parlamentares, quase os 257 necessários para ter maioria absoluta, agora eles têm apenas 213 e são bem diferentes (PT, PSL, PP, MDB e PSD). Já no Senado, com os 5 maiores partidos tínhamos 50 senadores, conseguindo, portanto, a maioria absoluta da casa, 41 votos. Agora, os 5 maiores partidos alcançam apenas 40 senadores.

Se a questão da dispersão do Congresso piora a governabilidade tanto para Haddad quanto para Bolsonaro, a nova composição dos partidos ajudou a minimizar uma das principais fraquezas do candidato do PSL, a falta de uma base parlamentar. Fazendo uma divisão entre aliados², independentes³ e oposição⁴, podemos ver que a primeira aumentou de 245 deputados para 255, sendo que o partido de Bolsonaro saiu de 8 para 52 parlamentares. Juntando os aliados com os independentes, ele teria 372 votos para manobrar. Os números são muito próximos daqueles de Fernando Haddad que, entre aliados e independentes, chegaria 374 votos, uma realidade que não se vislumbrava antes das eleições.

A conclusão a que chegamos é que Bolsonaro está com a “faca e o queijo na mão” para ganhar a eleição. Os números que emergiram das urnas no domingo, confirmados pela pesquisa Datafolha de ontem, mostraram que a diferença entre ele e Fernando Haddad se mostra bastante confortável e, aparentemente, estável. Entretanto, devemos lembrar que é a partir de 6ª feira que a campanha do 2º turno começa para valer com o início da propaganda eleitoral. Portanto, não devemos esperar que, nas próximas pesquisas, tenhamos novos saltos nas intenções de votos no candidato do PSL, o que não deve ser um problema para a sua vitória uma vez que, como mostramos acima, dependendo dos “não votos” ele poderia ganhar apenas mantendo a sua votação no 1º turno. Ou seja, se por um lado devemos ser cautelosos com relação às próximas pesquisas, por outro não podemos deixar de reconhecer que a probabilidade de vitória de Bolsonaro está entre 75% e 80%, compatível com o nível atual de R\$ 3,75 para o Dólar.

² PSL, PR, PTB, DEM, PRB, PSD, PP, PODEMOS, PSC, PHS, PRP, DC;

³ MDB, PSDB, SD, PROS, PPS, PMN, NOVO, Avante, Patriota e PTC;

⁴ PT, PSB, PDT, PC do B, PSOL, REDE, PV, PPL;

Projeção		
	2018	2019
IPCA (%)	4,4	4,1
Câmbio (eop R\$/US\$)	3,75	4,0
Selic (eop %)	6,5	7,5
PIB (%)	1,0	2,5

Este material possui cunho meramente informativo, não constituindo qualquer tipo de oferta, convite, proposta ou aconselhamento por parte do Banco ABC Brasil S.A. (“Banco”) aos seus destinatários para quaisquer fins, inclusive, mas não limitado, à contratação ou não de operações financeiras, negócios ou investimentos, bem como quanto ao desenvolvimento por estes, ou não, de quaisquer estratégias correlatas. O envio deste material aos seus destinatários se dá de forma gratuita e por mera liberalidade do Banco, não se configurando como qualquer tipo de produto ou prestação de serviços por parte deste, ao qual fica reservado o direito de descontinuar o envio destas informações a qualquer tempo e sem qualquer tipo de aviso prévio a seus destinatários. As informações contidas neste material foram obtidas de fontes públicas e consideradas razoavelmente apuradas na data de sua divulgação. O Banco não confere aos destinatários deste material qualquer espécie de garantia, direito ou pretensão no que se refere às informações ora apresentadas, bem como quanto à sua exatidão, completude, isenção, confiabilidade ou atualização. Quaisquer decisões, contratações, investimentos, negócios ou estratégias, relacionadas ou não às informações ora apresentadas, deverão ser adotadas, efetuadas ou desenvolvidas pelos destinatários deste material exclusivamente de acordo com seus critérios de avaliação próprios e sob sua integral responsabilidade, com base nas informações por estes obtidas de forma independente e de acordo com a análise e opinião de seus consultores, analistas e administradores próprios. O Banco não será responsável, perante os destinatários deste material ou quaisquer terceiros, por qualquer forma de utilização das informações ora apresentadas, bem como por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Este material e as informações dele constantes somente poderão ser reproduzidos, divulgados ou redistribuídos com a expressa anuência por escrito do Banco. Este material não se constitui, e não deve ser interpretado, para quaisquer fins, como relatório de análise nos termos do artigo 1º da Instrução CVM n.º 483, de 06 de Julho de 2010.